



Gardunhos

Portugal medieval em canções

SANTARÉM

Vai, Mem Ramires, vai
Cai a fortaleza, cai
Bate com toda a firmeza
Shantarín vai ser portuguesa.
Deita mão nas sentinelas
E o punhal pelas goelas
Que este mundo é muito pequeno
Para tanto sarraceno

Vai, Mem Ramires, vai
Cai a fortaleza, cai
A muralha ali é só pele e osso
E este chão há-de ser todo nosso
P'lo fio da tua espada
Pinta o campo de cor encarnada
Usa a voz do teu Soberano
Faz deste mundo escalabitano

Santarém vem à janela
Ver sete portas rezadas
Vai-se a alma da cidadela por
Sete muralhas rasgadas

Vai, Mem Ramires, vai
Cai a fortaleza, cai
Vamos todos nesta aventura
Deus abençoe a tua armadura
Até me falta o ar
E esta espada quer respirar
Não me tentem com prata nem ouro
Santarém é o meu tesouro

Vai, Mem Ramires, vai
Cai a fortaleza, cai
A ladainha amouriscada
Vai acordar a portuguesa
Amanhã será o dia
Corre sangue na mouraria
Somos todos confessados
E vocês andam todos avisados

Pois que a morte quando vem
nunca pensa em mais ninguém
Marca uns tantos para levar
Na praça de Santarém

Bate feio, bate forte
raça dos homens do Norte
Nunca tem medo da morte
Mem Ramires, Amém

RIBEIRINHA MINHA AMIGA

Ribeirinha, minha amiga
Senhora dos meus sentidos
O meu jeito desajeitado
Dizem que anda enfeitado
Pelos ouvidos
Ribeirinha minha amiga,
Eu nem sei dizer que não
Por mais que acautele
É a tua branca pele faz suar o coração

Eu não sei se o sol se move
Ou se a lua se descobre
Vivo em cuidado, por meu amado
E cada beijo é uma ousadia

Juro que não posso amar-te mais
Do que te amo agora
Mas só Deus sabe, se tudo acabe
E se amanhã é um novo dia

Ribeirinha minha amiga,
Dizem que isto é bruxaria
Pragam condições
Rogam maldições
Dizem não à romaria

Ribeirinha minha amiga,
Porque esta vontade é tanta
Os sinos da igreja
Repicam de inveja
É ferrugem de garganta

SACOS DE PUS

São doenças e ofensas
Maus agoiros e sentenças
É o fim da humanidade
São sombras sem luz nem dia
Condenados por bruxaria
Algemados à cidade

Nem a chuva nem o vento
Escapam ao sofrimento
À pestilência e escuridão
Ruas de portas fechadas
Trancas postas nas entradas
Nem Deus espera salvação

É o retrato do inferno
É como um frio de inverno
Que não muda de estação

É uma fome sem fundo
Anda a devorar o mundo
E a cuspir na compaixão
Que a lama é o meu caixão
Vai... deixa-me apodrecer

Aquela brisa no ar
São os sinos a anunciar
Fogueiras de mau presságio
São mil asas de corvo
São mil vozes de escárnio
Só dão vivas ao contágio

Cada grão de areia solta
Estremece a ampulheta
Mal vivem de caridade
Às escondidas da luz
Aqueles sacos de pus
Infectam toda a cidade

AL-MUTAMID

Al Mutamid, de metro e meio
Sevilhano e muçulmano
Mano a mano
Como o Corão ensina

Al Mutamid, de metro e meio
É de Beja aquele anseio
Ele que veio
Pela guerra concubina

Das sereias do Siroco
Veio a inspiração
São novas as madrugadas
Na hora da oração
Essas lendas encantadas
Que brilham na escuridão

Al Mutamid, de metro e muito
Pelo céu abençoado
Também andas prometido
(Também andas tu perdido)
À glória do califado
Vais na coma do cometa
Deus é grande
E Maomé o seu profeta

Al Mutamid, de metro e muito
d' Huelva Andaluzia
O dia e da cimitarra
Gana e garra
Inda a barba é fantasia

Al Mutamid, de metro e muito
Tem uma alcova de guerra
Tem a terra toda
Daqui e de além mar
Na concha do seu olhar

GARDUNHOS

Era um bandido, um pandilheiro
Um vigarista, um trapaceiro
Não me importa a tua ofensa
O crime até recompensa
Vou-te dar pena suspensa
A vida é improvisação

Toda a espuma da humanidade
Por piedade ou tempestade
Ou vais de boa vontade
Ou regressas a prisão

Era um gatuno, um salteador
Um bom ladrão, um malfeitor
Toda a gente que nos resta
Com dois dedos de testa
É bem vinda a esta festa
Mesmo do fundo do poço

Quero lá saber o que a gente pensa
Ou por crença ou por licença
Ou aceitas esta sentença
Ou vais de corda no pescoço

E quando amanhã chamar
E alguém te perguntar
Quem é aquele no pedestal
Que fundou este lugar
Não é desonra nenhuma
De saudar aquela espuma
A fogueira era só uma
A chama de Portugal

O MEU AMOR É TANTO

O meu amor é tanto
Que triste condição
O que é feito de ti
Que te não vejo aqui
em dia de São João
O meu amor é tanto
Não sabe dizer que não

O meu amor é tanto
Levado pela ambição
despedaçado assim
Esta tão longe de mim
não ouve esta oração
O meu amor é tanto
Mas não sai do coração

O meu amor é tanto
Já não tem salvação
Só pede piedade
E a tua pouca idade
é só inspiração
O meu amor é tanto
Não sabe dizer que não

O campo mo quer perder
De mim já não quer saber
Deus mo guarde p'ra que um dia
O possa voltar a ver

Este meu olhar molhado
Este meu ventre roubado
Deus mo guarde p'ra que um dia
Ele regresses ao meu cuidado

SISNANDO

Canta o vento pela cidade
Cantigas de paz e Além mar
É frágil a eternidade
Que Sisnando anda a guardar

Há só um sol glorioso
A contar todos os dias
Horizonte majestoso
São as boas companhias

Sedas, safiras, grilhões
Trocam apertos de mão
Crucifixos, medalhões
Desnudam os corações

Vai escondida pela neblina
Desde a margem ao limoeiro
Nos ombros dessa Colina
Dom Sisnando é padroeiro

Por profanos e infiéis
Corre sangue de todas as raças
O espírito é todo santo
E todas as Marias são graças

Tudo o que é belo e absurdo
Praça de todas as cores
E até o céu divino é surdo
A santos e pecadores

CRISTÃO INFIEL GERMANO JUDEU

A minha pele assombrada
Demora a ser cicatrizada
Deixem-me em paz
e o vento por trás
Suor que não cheira a nada

Eu nunca disse que não
Ao vinho e a má alimentação
A pele enrugada
nunca foi lavada
A cantar putrefacção

E não entendem
dizem que é estranho
Viver a vida sem tomar banho
Que mal é que tem
viver enjoado
tudo anda habituado

Cristão infiel Germano judeu
Ninguém tem a pele
mais suja do que eu

É um julgamento prematuro
Dizem que cheiro a repolho maduro
Odor fedorento
será o excremento
Mil anos a viver no escuro

É um bafio a leite azedo
Mas é a água que mete medo
Dentes quebrados
a boca em bocados
Pele rija é o meu segredo



ALEIVOSA

O destino desvia a morte
Para um tempo mais adiante
Tem direito à escolha do dia
Duma morte mais humilhante
Uma raiva libertina
O meu peito perfurado
Tinha escapado a chacina
Se Deus tivesse ajudado

Anda um conde galego
A fazer vida escandalosa
Meu amor não arrenego
Uma vida ambiciosa

Anda um conde galego
A fazer vida escandalosa
Não sabe o que é sossego
No Paço d'Aleivosa

Aquele cutelo comprido
Quase deu cabo de mim
Mas foi o meu orgulho ferido
Quem me deixou assim
Pede a Deus que tudo sabia
Que te guarde de todo o mal
Amanhã qualquer outro dia
P'ra que não te aconteça igual

E aquela faca ardente
Corta-me a respiração
Mora aqui no peito da gente
Interrompe-me o coração
A cidade em sobressalto
Ela é minha testemunha
Peço a Deus que, lá do alto
Não oiça a coisa nenhuma

MEU MONIZ

Nunca ouvi de onde tu és
Queres os meus olhos nos pés
Mas a minha porta fechada
Vai resistindo à entrada
Até da luz do próprio dia

Este meu peito apertado
Cercado por todo o lado
Solta um último suspiro
Suspenso no ar que respiro
Sufocado na alvenaria

Vens de lá
De cabeça perdida
Minha porta cindida
É o fim da minha vida, será?

Minha alma danada
Vê a Chama apagada
Pela vontade da espada e Alá

Baixa a ponta das lanças
São mulheres e crianças a rezar
Não há quem possa acudir
E até o Tejo vai a fugir
(para o mar)

Por uma fresta de luz
Rendida de braços nus
Que a maré não se contém
E já não vejo ninguém
Capaz contra o santo ofício

Não existe salvação
Fora deste coração
E o teu feito assinalado
Há-de ser recordado
Nas portas do sacrifício

PADEIRA

Com seis dedos de bastão
Contados em cada mão
A minha boca rasgada
A mulher ossuda e feia,
Não noivou com vida alheia
Por ciúmes da minha espada

O meu peito peregrino
Deu-se ao vento libertino
P'la vida do tudo ou nada
O mar me quis escravizar
Quem é que pode separar
O sol da sombra pegada

E quando o forno se apagar
Conto com o meu lugar
No descanso do eterno
Mas se o céu não for assim
Volto na primeira chuva
Que alguém se há-de
lembrar de mim
Nem que seja no inferno

Quando Agosto aqui passou
E São Jorge me chamou
Juntei-me aos entrincheirados
Tantos peões e arqueiros
Madressilva de lanceiros
E uma ala de namorados

Vimo-los todos fugidos
Com mais sete 'inda benzidos
Na fornalha dos danados
E como era meu Serviço
Com muito pão e chouriço
Foram bem aproveitados

VAI SEGUIR

Por aquela estrada que Roma deixou
Das poucas que o tempo não abandonou
Andam peregrinos, monges e mendigos
Por vontade sua ou vão por castigos
- Vai seguir

Somos pirilampos a brilhar no escuro
Trazemos recados vindos do futuro
E se o temporal assusta quem sai
Dá-lhe uma palmada na garupa e vai
- Vai seguir

Somos figurantes da cor da aguarela
De olhos abertos ao medo e à cautela
Ladrões e bandidos pela mata escura
São lobos famintos à nossa procura
- Vai seguir

Marcham mercenários entre mercadores
Vão brilhando o passo à luz dos tambores
A puxar carroça, a cavalo ou a pé
O pó levantado embala a ralé
- Vai seguir

Só a tua bênção, frade hospitaleiro
Promete descanso a cada forasteiro
Que amanhã cedinho, de barriga cheia
Vamos a caminho e o sol é uma candeia



“Gardunhos” é um projecto musico-literário que consiste numa fusão experimental entre a música tradicional portuguesa e uma afeição pela era medieval lusa e pela cultura, mentalidade, história e estética medievais.

O espectáculo “Gardunhos” consiste num exercício de *historytelling* musical, em que se percorrem quatro séculos da História portuguesa, tomando por referência alguns dos mais empolgantes momentos deste tão equívoco e fascinante período histórico.



www.gardunhos.com

